



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro com representantes da Federação Nacional dos Jornalistas

Palácio do Planalto, 07 de abril de 2004

Roberto, eu não sei se você e os companheiros e companheiras da imprensa estão percebendo, eu não sabia que era a primeira vez que um presidente da República os recebia. Mas se você olhar nesta Mesa aqui, você vai perceber que com exceção do André – que não foi dirigente sindical –, do Ricardo Kotscho ao Gushiken, todos foram dirigentes sindicais. O Ricardo Kotscho foi, inclusive, da Fenaj, no tempo em que a Fenaj e que o movimento sindical dos jornalistas estavam em processo de ascensão.

Eu, quero dizer a vocês, que fico torcendo para que o movimento sindical, sobretudo, o movimento sindical dos jornalistas, possa recuperar, no menor tempo possível, o prestígio e a representatividade que já teve neste país.

A maioria que está aqui, ou não viveu aquele momento ou era muito criança, mas o movimento sindical dos jornalistas passou um período muito tenebroso quando, em 1975, ressurgiu a partir da eleição do Audalio Dantas para presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. Muito mais do que a eleição de Audalio Dantas era o surgimento da quebra de um monopólio de quase 19 anos de conservadores dentro do Sindicato. E aquilo foi um alento extraordinário, porque depois veio uma enxurrada de vitórias de companheiros que eram considerados de esquerda, progressistas, avançados, modernos, no movimento do Sindicato dos Jornalistas. Até que nós tivemos a honra de participar de um processo eleitoral que culminou com a eleição do Castelinho como presidente do Sindicato dos Jornalistas de Brasília e, depois, fomos para Alagoas, com Freitas Neto, que morreu num acidente de avião. Aí fomos para



Pernambuco e para o Rio de Janeiro eleger o Caó.

Tudo isso era uma novidade excepcional na categoria dos jornalistas, até que veio 1979. Eu acho que, naquele momento, as circunstâncias políticas fizeram com que o movimento sindical sofresse um retrocesso muito grande, sobretudo, o movimento sindical ligado à área de jornalismo. Por quê? Porque naquele momento os empresários provaram que era possível fazer jornal sem os jornalistas, ou seja, eu me lembro que eu fui com os jornalistas fazer piquete no Estadão e encontrei os piqueteiros lendo jornal. Eu dizia: “não é possível que você esteja de greve, fazendo piquete, e lendo a notícia do jornal em que você trabalha”.

Eu acho que a partir dali, os jornalistas, foram enfraquecidos, psicologicamente, por causa de uma guerra fratricida, interna. E eu acho que o Davi foi uma vítima daquele processo, porque não se discutiu, politicamente, o momento correto de mudar a linha da greve. Eu sei que nós terminamos e, de lá para cá, tivemos um retrocesso, eu diria, muito grande. Deus queira que vocês estejam, nesse momento, recuperando esse prestígio, porque eu vivi um momento em que alguns, companheiros sindicalistas, em vários estados, me ligavam dizendo que não conseguiam montar uma chapa, porque não tinha jornalista querendo fazer parte da chapa do Sindicato. Ou seja, quando vivemos uma situação dessas, nós chegamos a duas conclusões: primeiro, que não basta ter um curso superior para ter consciência política, ou seja, muitas vezes, você tem um curso superior e desaprende muita coisa na política.

E, segundo, é que os donos dos jornais trabalharam de forma muito forte, de forma muito viva para tentar quebrar a espinha dorsal do jornalismo, ou seja, primeiro com um processo de contratação de jornalistas fora das regras pré-estabelecidas, terceirizados, como pequena empresa. E aí todo mundo sabe que acontece com algumas categorias o que acontece muito com jogador de futebol. Ou seja, imaginem vocês se os jogadores famosos, que fossem para a seleção, resolvessem organizar a categoria dos jogadores para



reivindicar os seus direitos.

Acontece que, quando as pessoas ficam famosas cada uma vai pensando na sua sobrevivência pessoal e o coletivo vai ficando no segundo plano. A Fenaj tem um papel extraordinário.

Eu acho que o que vocês estão reivindicando é possível de ser feito, vocês sabem que vão tomar muito “cacete”, eu não tenho nenhuma preocupação de dizer para vocês que eu acho simpática a idéia de criar um Conselho. É preciso fiscalizar melhor a formação dos nossos jovens, porque o jornalista trabalha com uma coisa muito poderosa que é a caneta e um espaço no jornal. E o que nós, efetivamente, desejamos, enquanto brasileiros, não enquanto Presidente da República, mas enquanto seres humanos, é que ao abrirmos o jornal e lermos uma notícia, ela seja a mais pura verdade conseguida por aquele jornalista e não apenas a intenção do profissional, do dono do jornal ou coisa parecida.

Isso não é bom para quem lê, não é bom para vocês que escrevem, não é bom para o jornal, porque este vai perdendo credibilidade. Eu acho que uma instituição que possa orientar eticamente, profissionalmente e culturalmente, é extremamente importante. É uma coisa que será boa para o futuro da imprensa no Brasil.

Obviamente, alguns irão dizer sempre que isso é intromissão na autonomia, na independência, que estão querendo fazer ingerência. É só pegar os jornalistas de hoje, você vê que é tudo um bando de meninos e meninas muito jovens, ou seja, que eu acho que uma instituição dessa poderia contribuir para fortalecê-los enquanto profissionais. Eles saberiam que teriam um lugar para fazer a sua terapia, com as frustrações de quem sai de manhã para fazer uma matéria, trabalha que nem um condenado, escreve, passa a noite acordado, briga com gente, xinga o Presidente, é xingado pelo Presidente (o presidente nunca xinga) ou seja, vai para casa ou para a redação, escreve um texto, se mata para escrever esse texto, colocando ali os seus anos de



escolaridade, a sua formação política-ideológica e, no dia seguinte, quando lê o jornal, aquilo que escreveu não está lá. Não tem nada mais dolorido do que isso, ou seja, é uma espécie de parir todo santo dia um filho que não aparece com a cara que as pessoas querem.

Alguns, obviamente, vão dizer que isso é intromissão, que isso é ingerência, que isso é uma série de coisas, mas eu acho extremamente importante, porque vai dando seriedade ao comportamento profissional de uma das categorias que, inegavelmente, faz jus ao nome de quarto poder.

De forma que, nós vamos trabalhar com carinho, não sei qual é o critério que o Ricardo vai usar, mas eu acho que era preciso criar uma Comissão para se começar a discutir, para enviar ao Congresso Nacional uma coisa mais ou menos consensual entre líderes, para não transformar uma proposta de categoria numa briga secular, sem fim, com pressão. Eu acho isso extremamente importante.

Por último, quero dizer para vocês que eu estarei torcendo enquanto Presidente, mas, sobretudo, independentemente de ser presidente, para que a categoria volte a ter a pujança que já teve, que volte a ter a força e a representatividade que já teve, porque isso é bom. Isso é bom, sobretudo, porque você tem a universidade jogando uma enxurrada de meninas e meninos todo santo dia na praça para trabalhar. Emprego está cada vez mais difícil, cada vez mais seletivo, cada vez mais proibitivo e, muitas vezes, o jovem não tem sequer forças para levantar a cabeça e falar: essa pauta não é boa, tem outro assunto mais importante no pedaço.

Eu acho que isso não condiz com a grandeza da função do jornalismo, pela sua importância de bem informar a sociedade brasileira. Eu, se fosse o Ricardo Kotscho, no final da minha fala, aqui, teria providenciado um bolo, e a gente cortaria esse bolo em homenagem ao dia, porque hoje é o Dia do Jornalismo, é o Dia Mundial da Saúde e é aniversário da Dona Marisa Letícia da Silva.



Você vê que é um dia tri importante ou quadri importante.

Jornalista: É aniversário do meu filho também.

Presidente: Teu filho também. Então já é penta importante esse dia de hoje.

Então, eu quero dar os parabéns a você e lhes dizer que, enquanto profissionais, nos estados ou aqui em Brasília, muitas vezes vocês fazem queixas de que o Governo não conversa, de que o Governo não quer discutir. Eu falo sempre o seguinte: um presidente da República tem que tomar muito cuidado com cada palavra que fala, porque cada palavra tem uma dimensão, às vezes mais exagerada do que a gente pensa que tem. Mas tem gente que gosta de carregar na importância das coisas que a gente fala.

Nós temos mais dois anos e pouco de mandato e se a gente puder, vai deixar algo que sirva de lição para alguém: é a gente tentar, a partir dessa convivência, a partir dessa relação, estreitar, no que for possível, a relação do Estado com os meios de comunicação, com os profissionais da imprensa, para que haja uma espécie de relação leal. Quando eu digo leal, é a relação em que, em nenhum momento, o Governo deve pedir para um jornalista falar bem dele e, em nenhum momento, um jornalista deve falar mal, simplesmente, porque quer falar mal. Ou seja, se nós todos estivermos em busca da verdade e apenas a verdade nos interessar, todos seremos mais amigos, todos viveremos num país mais tranquilo e todos nós estaremos contribuindo para que a democracia seja definitivamente verdadeira no nosso país.

Por isso meus parabéns aos jornalistas brasileiros pelo seu dia. Parabéns aos nossos companheiros da Fenaj e, particularmente, aos companheiros dirigentes sindicais dos estados. Podem saber que vocês tem um companheiro aqui, na Presidência, que estará torcendo para que consigam ser as entidades mais representativas daquilo que vocês fazem.

Nossa querida ABI precisa voltar também a ter a força que já teve, a



função que já teve. E aí depende muito de vocês, não depende do Governo, não depende dos donos dos jornais, depende, única e exclusivamente, de vocês acreditarem que são uma categoria. E uma categoria não presunçosa, porque começaram a quebrar o jornalista no Brasil, quando se pensou que era possível o gráfico ter um sindicato, o funcionário ter outra coisa, os motoristas terem outra coisa. Ou seja, como é um processo em cadeia, onde um depende do outro, eu confesso a vocês que nunca entendi porque houve essa separação.

Então, eu acho que vocês têm a tarefa de fazer com que a categoria que vocês representam volte a ser uma categoria levada em conta no cenário sindical do nosso país.

Muito obrigado e parabéns!

/rss/cms